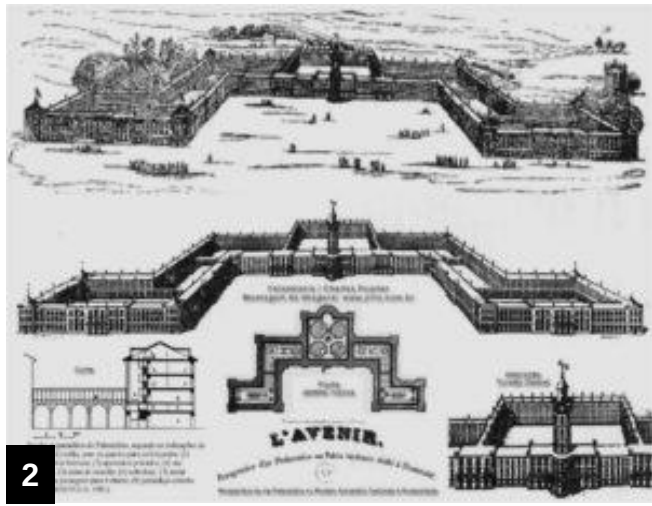


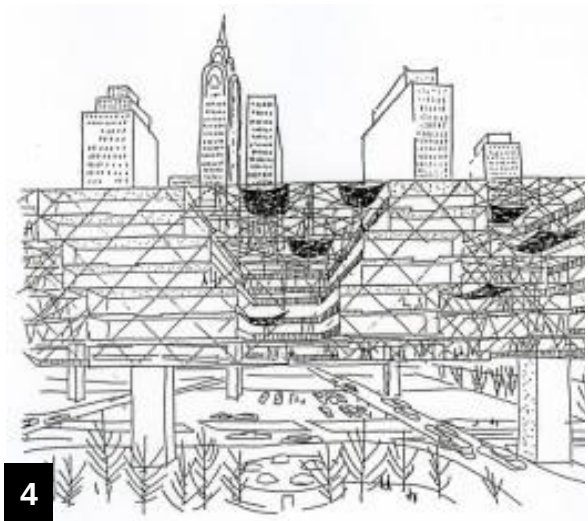
1



2



3



4

- [1] Diagrama para a Cidade-Jardim, de Ebenezer Howard.
- [2] Falanstério, a partir da obra de Charles Fourier
- [3] Plano Voisin, de Le Corbusier
- [4] Cidade Espacial, de Yona Friedman

remissivos

- /// cidades novas
- /// distopia urbana
- /// utopismo dialético

Utopias Urbanas

estudantes

Luna Catrina Pontes Nascimento
Matheus Thierry Fonseca Alkmin

glossário de ideias recebidas

Glossários são listas de palavras com explicações chamadas *glosas*, desenvolvidos desde a Antiguidade Clássica e tornados populares a partir da Idade Média, empregados por estudiosos no trabalho de interpretação de textos, apoiando a explicação do sentido de palavras obscuras. Com o tempo os glossários tornaram-se autônomos, com diferentes formas de organização, servindo de apoio à explicação de termos específicos a determinado campo de conhecimento. § Como parte das atividades da disciplina Arquitetura e Urbanismo da Atualidade, solicitou-se aos estudantes a criação de um Glossário como forma de intervenção crítica sobre a produção contemporânea, dada a grande variedade de seus conceitos e a velocidade com a qual eles são apropriados, criticados, esquecidos e supostamente redescobertos. § Busca-se produzir um inventário das ideias em trânsito na produção atual, aproximando-se ainda do conhecido "Dicionário das Ideias Feitas" (*Dictionnaire des Idées Reçues*) de Gustave Flaubert, em que o escritor reuniu e comentou, com perspicácia e muito sarcasmo, um conjunto de jargões, lugares-comuns e ideias socialmente aceitas em seu tempo. § Entende-se que o reconhecimento dos clichês da produção atual pode servir não apenas para estabelecer um juízo crítico como também para promover sua destabilização e apontar caminhos para novas práticas e alternativas.

atualidades-fauunb.org/glossario

A fim de atingir o perfeito desenho social, a maioria dos utopistas formula, simultaneamente, um novo *habitat* e, invariavelmente, uma nova cidade. [...]

Ricardo Trevisan, *Cidades novas*, 2020. [p. 49, grifo do autor]

[...] É a tomada da cidade como criação principal que para nós define uma utopia urbana.

Utopias urbanas são as invenções que tomam o urbano como ambiente/criação essencial, são expressões críticas focadas em concepções espaciais, na invenção de cidades que não existem, obras que constroem não lugares. [...]

Utopias Urbanas

Embora verbetes de dicionários tendam a ser mais generalistas e não abordar termos de áreas específicas, é comum encontrar, nas acepções da palavra utopia, sua vinculação a questões urbanas. Isso ocorre devido ao próprio surgimento da palavra, em latim, com a publicação do livro *Utopia*, de Thomas More, em 1516. Não há, exatamente, um consenso com relação à formação da palavra, mas entende-se que se trata de um neologismo criado a partir dos termos de origem grega *eutopia* e *utopia* que significam, respectivamente, melhor lugar e lugar nenhum (CAÚLA, 2019; PESSOA, 2016). Deixando de lado as questões da origem do vocábulo, o que interessa para este estudo é a repercussão do termo no sentido de lugar onde *tudo está bem*. As utopias urbanas se caracterizam, em linhas gerais, como espaços de livre organização espacial, onde seus idealizadores podem expressar seus objetivos e pretensões de forma imaginativa e criativa. Interessa, ainda, entender como se dá a repercussão da ideia de uma sociedade ideal, harmônica e estável que se constrói como oposição a uma situação vivida, como foi o caso do texto inaugural de More, que tinha como pano de fundo a situação problemática vivida na Inglaterra de sua época.

A *Utopia* de More influenciou muitas obras literárias com a mesma temática desde o Renascimento, bem como outros campos (CAÚLA, 2019; CLAEYS, 2013; HARVEY, 2006). Um momento singular de reinvenção das utopias, bem como da ampliação de seu interesse para a dimensão urbana, se deu a partir da Revolução Industrial. Como afirmou Françoise Choay, a “sociedade industrial é urbana” (CHOAY, 1992) e, já na primeira metade do século XIX, a situação crítica em que se encontravam as grandes cidades demandou a criação de diagnósticos e experiências pioneiras de melhorias urbanas, antes mesmo do surgimento de um campo disciplinar autônomo. Para a autora, as utopias do chamado *pré-urbanismo* serviram de embasamento para a constituição do que viria a ser conhecido como Urbanismo enquanto saber técnico, científico e prático. As desafiadoras condições econômicas, políticas e sociais desafiadoras que condicionam esse campo, no entanto, não impediu que ele cumprisse, igualmente, um papel mais imaginativo e utópico.

Numa visão mais ampla sobre o tema, Richard Noble (2009) caracteriza as utopias urbanas como um modo de ver o mundo melhor que só cabe na imaginação. Dessa forma, as utopias serviriam como um impulso para as transformações sociais e políticas. Por serem comuns no Ocidente, as utopias construídas também nos instigam a pensar nas implicações e possíveis erros que podem ser contornados para idealizar novas possibilidades aprimoradas. Por esse motivo, na concepção de Noble, elas conseguem unir diferentes áreas e elementos para projetos colaborativos que visam a mudança social. Não é de espantar, como apontado Trevisan, que elas “[...] aparecem mais regularmente em períodos de transição e em épocas de grandes incertezas [...]” (TREVISAN, 2020, p. 48), impulsionando a criação de modelos de cidades.

A partir de autoras e autores da Arquitetura, Geografia e dos estudos urbanos pode-se atualizar o debate sobre as utopias como ideias intimamente ligadas com o espaço e contexto social em que surgiram. David Harvey (2009) sugere pensar em termos de um “utopismo dialético”, associando as utopias ao espaço e ao tempo em que se inserem, pois desse modo seria possível entender criticamente as motivações e mudanças que cada pensamento utópico propõe. Sem perder de vista uma perspectiva crítica sobre a história das utopias no século XX, Harvey também chama atenção para o urbanismo degenerativo, termo usado para situações em que a materialização das utopias se deu de forma fragmentada e degenerada, tornando-as dissociadas de seu contexto de criação.

Para Denise Pessoa (2006) não há utopia desvinculada da realidade. Difere-se, assim, de Lewis Mumford (1922), que classificou as utopias de acordo com seu critério pessoal, independentemente do vínculo com a sociedade. Entretanto, ao pensar em uma utopia que negue sua realidade ou crie parâmetros muito idealizados para soluções de problemas, a oposição à realidade é uma forma de se posicionar perante o contexto social. Ao oferecer formas alternativas para a situação em questão, a utopia urbana é uma forma de deslegitimar o contexto vigente, sempre direcionando a alguma forma para solucioná-lo, mesmo quando restrita ao campo metafórico e simbólico. Ainda de acordo com a leitura de Denise Pessoa, entendemos que a *indignação* é uma força geradora das utopias, o que a aproxima do filósofo Ernst Bloch, colecionador enciclopédico destas visões de mundo, que viu na *insatisfação* sua força motor (BLOCH, 1988). Reafirmamos, por fim, a importância de entender utopias para além de algo irreal, mas como uma ideia fértil para criação humana, repercutindo nas conjunturas urbanas e sociais de cada contexto período histórico, com repercussão até os dias de hoje.

referências

- BLOCH, Ernst. **The utopian function of art and literature: selected essays**. Tradução: Jack Zipes e Frank Mecklenburg. Cambridge; Londres: The MIT Press, 1988.
- CAÚLA, Adriana. **Trilogia das utopias urbanas**. Salvador: EDUFBA, 2019. [[Z](#)]
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigues. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia**. Tradução: Pedro Barros. São Paulo: SESC, 2013.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- MUMFORD, Lewis. **The story of utopias**. Nova Iorque: Boni and Liverlight, 1922.
- NOBLE, Richard (ed.). **Utopias**. Londres: Whitechapel; Cambridge; Londres: The MIT Press, 2009.
- PESSOA, Denise Falcão. **Utopia e cidades: proposições**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2006.
- TREVISAN, Ricardo. **Cidades novas**. Brasília: Editora UnB, 2020. [[Z](#)]